



CRECISP

CONSELHO REGIONAL DE CORRETORES DE IMÓVEIS

Especial - Novembro/2024

A revista direcionada para o corretor de imóveis

REVISTA INTERATIVA
Clique nos links para
ser direcionado



**COMBATE À VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER:
CRECISP Promove Evento e Fortalece
Programa de Boas Práticas**

COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

CRECISP Promove Evento e Fortalece Programa de Boas Práticas



No último dia 31 de outubro, o CRECISP (Conselho Regional de Corretores de Imóveis de São Paulo) realizou mais uma etapa do Programa de Divulgação de Boas Práticas e Combate à Violência contra a Mulher, destacando temas fundamentais e as formas de implementação dos requisitos estabelecidos pela norma ABNT PR 1019:2023.

O evento contou com uma série de palestras de especialistas que exploraram desde os desafios institucionais até os aspectos mais sutis e arraigados dessa questão social.

Organizado na Capital, o encontro contou com a participação de funcionárias e corretoras de imóveis. Também estiveram presentes, as conselheiras do CRECISP Aida Maria Alves Costa Marques, Angelita Esnarriaga Viana, Ana Maria Faleiros Diniz, Magali Aparecida dos Santos, Rosangela Martinelli Campagnolo, Maria Regina Busnello, além das delegadas do Conselho, Heloisa Eugenia Mitie Kishi e Sueli Aparecida Michelim Antonio e de representantes dos Conselhos de Educação Física, Química e Farmácia.

O presidente do CRECISP, José Augusto Viana Neto, abriu os trabalhos, acompanhado pelo Diretor Secretário do Conselho, Ruberval Ramos Castello.

PAINEL DE PALESTRAS:

Unindo Forças e Conhecimento

As apresentações foram iniciadas pela Delegada da Polícia do Estado de São Paulo, Dra. Jamila Jorge Ferrari, que compartilhou sua experiência de quase duas décadas na linha de frente no combate à violência contra a mulher. Ela abordou o tema “Desafios e Perspectivas no Combate à Violência contra a Mulher”, destacando a importância da união entre o poder público e a sociedade civil.

A delegada regional de Praia Grande, Luciana Viana, também ministrou palestra e destacou a importância da saúde mental e física, além da formação de novos hábitos em prol de uma vida saudável, sob o tema: “Limite é um ato de autocuidado.

Vânia Viana, chefe de gabinete da Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres deu sequência às apresentações, relatando as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo poder público relativa a essa questão.

E o encerramento ficou por conta da promotora de Justiça Dra. Fabíola Sucasas Negrão Covas, que abordou o “Pacto Ninguém se Cala na Violência Contra a Mulher”, uma iniciativa do Ministério Público de São Paulo, essencial para a construção de uma sociedade mais segura.





PREOCUPAÇÃO CONSTANTE

O Conselho Regional tem se destacado em um compromisso profundo e de longo alcance no combate à violência contra a mulher. Segundo o presidente do CRECISP, José Augusto Viana Neto, a iniciativa começou oficialmente em 11 de dezembro de 2023, com a autorização do Conselho Pleno para firmar um termo de compromisso que impulsionou o programa voltado para essa causa.

Em janeiro de 2024, o CRECISP editou a portaria nº 10.352, que não apenas formalizou o programa de combate à violência contra a mulher, mas também designou uma coordenadora para a condução das ações: a conselheira Regina Busnello. Esse movimento foi complementado pela reunião anual de trabalho, onde o grupo da Mulher Corretora, composto por corretoras de todo o estado, se uniu para discutir o problema da violência de gênero no setor.

“Em 27 de maio, assinamos o Pacto Ninguém se Cala, junto ao Ministério Público de São Paulo. No mês de agosto, realizamos o curso da ABNT, na sede do CRECISP, sobre as boas práticas, segundo a norma da ABNT 1019/23, de combate à violência contra a Mulher. Além disso, aderimos à carta de compromisso do Ministério das Mulheres, Femicídio Zero, e, ainda, proporcionamos o primeiro curso de orientação e técnica comportamental moral e sexual aos membros do Comitê de Combate ao Assédio do CRECISP, da CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Combate ao Assédio, e demais funcionários, na sede do Conselho. Ao final do ano passado, aderimos à Campanha Sinal Vermelho. No período de março a outubro de 2024, foram realizadas 22 lives com essa temática”, destacou Viana.

PRESENCAS ILUSTRES

O presidente da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), **Mario William Esper**, expressou sua satisfação durante o evento realizado pelo CRECISP, marcando o sucesso do Programa de Combate à Violência contra a Mulher. "É uma alegria muito grande ver o CRECISP abraçando essa causa tão sensível. A ABNT desenvolveu uma norma que define 14 tipos de assédio, sendo um marco importante em nossa luta", destacou.

"É um orgulho para o Brasil que essa norma tenha se tornado internacional, com a participação de mais de 40 países oferecendo suas opiniões."

Maria Regina de Castro Busnello, coordenadora do Programa de Combate à Violência contra a Mulher do CRECISP, destacou que esse ainda é um problema profundamente enraizado em nossa sociedade, atravessando todas as classes sociais, profissões e culturas. "Trabalhamos para que os profissionais do mercado imobiliário, assim como todas as mulheres, possam conhecer seus direitos, buscar ajuda quando necessário e, principalmente, saber que não estão sozinhas nessa jornada. E o Conselho Regional por meio de campanhas, palestras e ações de conscientização, leva a informação e capacitação para que as mulheres possam identificar e romper ciclos de violência."



MULHERES UNIDAS CONTRA A VIOLÊNCIA: A Luta pela Dignidade e pela Justiça



Em uma fala poderosa, Dra. Jamila Jorge Ferrari destacou o papel essencial de toda a sociedade na luta contra a violência de gênero. A palestrante reforçou que, embora o poder público seja fundamental, o apoio da sociedade civil organizada é crucial. “Quando vemos mulheres unidas nesta causa, entendemos que há esperança de um mundo onde as mulheres não serão vítimas de violência simplesmente por serem quem são”, afirmou.

A palestrante enfatizou que a união entre poder público, sociedade civil, instituições de ensino e iniciativas privadas envia uma mensagem clara para os agressores: a sociedade não tolera a violência contra a mulher e não se calará diante dela. Para ela, um dos maiores desafios da luta é engajar os homens nessa pauta: “As estatísticas mostram que precisamos da participação masculina para que possamos ter uma transformação efetiva”, declarou.

Ela comparou a violência de gênero a um iceberg, dividido em três camadas. A primeira, visível, inclui casos de assassinato, insultos e abuso sexual, que ganham destaque nas estatísticas e na mídia. A segunda camada, abaixo da superfície, envolve situações menos visíveis, como chantagens, humilhações e depreciação moral. “Muitas mulheres já buscaram apoio porque o companheiro não permite que visitem familiares. Esse tipo de violência, muitas vezes, não tem nome jurídico, mas afeta a vida da vítima de forma brutal”, apontou.

A terceira camada do “iceberg da violência” é mais profunda e sutil, mas é amplamente disseminada e normalizada. Ela incluiu nessa camada os “micromachismos” — comportamentos, expressões e piadas de teor sexista, que desvalorizam a mulher em diferentes contextos e reforçam estereótipos prejudiciais. “Anedotas sobre mulheres no volante, expressões que ridicularizam a loira ou até mesmo o

simples ato de ignorar o valor de uma mulher por causa de sua aparência ou gênero são exemplos de violências veladas, mas que afetam e minam nossa dignidade”, afirmou.

A delegada reforçou que essas expressões, muitas vezes subestimadas, formam o alicerce da cultura de violência e precisam ser combatidas desde a infância. “Crescemos em uma cultura onde se espera que as meninas saibam cozinhar e costurar, enquanto os meninos são isentos de aprender tarefas domésticas, o que reforça os papéis de gênero de forma desigual. Precisamos educar nossas crianças para romper com essas crenças ultrapassadas”, argumentou.

Para Jamila, a mudança é estrutural e envolve tanto a implementação de políticas públicas quanto uma reavaliação da educação. Além disso, destacou a importância de envolver o público masculino nessa conversa, não apenas como aliados, mas como participantes ativos de uma transformação que beneficiará a sociedade como um todo.



SAÚDE MENTAL

e importância de estabelecer limites



“Dizer ‘não’ é um exercício de autoconfiança”, afirmou a delegada regional de Praia Grande, Luciana Viana. Durante sua apresentação, Luciana explicou que, ao se posicionar e recusar algo de maneira firme, a pessoa está fortalecendo a própria segurança emocional e estabelecendo um comportamento de respeito com os outros. Segundo a delegada, aprender a dizer ‘não’ sem criar desculpas é um ato poderoso: “Se você falou ‘por enquanto não’, mantenha o contato visual e repita firmemente, ‘por enquanto não’. Se a insistência continuar, encerre a conversa e se afaste, sem justificativas.”



A delegada enfatizou que evitar desculpas ao dizer 'não' traz benefícios pessoais e profissionais. Ela destacou que a capacidade de impor limites contribui para uma vida mais equilibrada e para a construção de relações respeitadas, seja no âmbito pessoal ou no ambiente de trabalho. "A autoconfiança que vem de saber recusar respeitosamente pode transformar a maneira como nos relacionamos, e essa habilidade precisa ser treinada", acrescentou Luciana.

Em um mundo em que as interações sociais e profissionais se tornam cada vez mais intensas e diversificadas, o respeito à opinião e aos limites do outro é fundamental para estabelecer relações saudáveis e rigorosas. Saber impor limites pessoais e entender o que é realmente inegociável na própria vida é um exercício constante de autoconhecimento e respeito.

Além disso, de acordo com a delegada, é importante descobrir quais são os nossos limites inegociáveis. Por exemplo, horas de sono são fundamentais para alguns, enquanto outros precisam de um horário específico de descanso para garantir seu bem-estar. "Saber o que é essencial para a sua própria saúde mental e física ajuda a evitar o desgaste e permite que cada um contribua para o seu grupo de forma mais equilibrada. Afinal, cada pessoa tem seus limites, e estes são fundamentais para manter uma rotina de vida sustentável. Um exemplo prático disso é entender que aceitar compromissos diários que extrapolam os horários que permitem o descanso adequado pode ser prejudicial."

MINISTÉRIO DAS MULHERES:

Um Espaço de Voz e Luta pela Equidade e Segurança



Desde a criação do Ministério das Mulheres, a pauta de gênero no Brasil ganhou um novo alicerce para a formulação de políticas públicas que abordem as necessidades e os desafios enfrentados pelas mulheres. O Ministério surge como um espaço dedicado, que busca representar e dar visibilidade às vivências femininas, elaborando programas e estratégias para promover a igualdade e garantir direitos em áreas fundamentais, como trabalho, saúde e segurança.

Durante sua apresentação, a chefe de gabinete da Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra Mulheres, Vânia Viana, explicou o trabalho de formulação dessas políticas, que é orientado para vozes femininas que enfrentam lutas diárias, especialmente para mulheres trabalhadoras. "O Ministério nos permite desenvolver ações direcionadas a partir de nossas necessidades, onde podemos ser ouvidas e vistas", declarou.



Com formação em Ciência do Trabalho, ela destacou a importância de um espaço governamental que entenda e responda às experiências de discriminação e violência que muitas mulheres enfrentam, inclusive em suas atividades profissionais.

A realidade das corretoras de imóveis ilustra bem essa questão. Em um setor que exige contato direto com clientes desconhecidos, surgem problemas relacionados à segurança e à violência do gênero. “O que acontece quando uma corretora, sozinha, apresenta uma casa vazia para um homem? O que ela pode sentir ou vivenciar? É comum que recebam mensagens ou

tenham que lidar com atitudes invasivas, gerando medo e desconforto”, ressaltou Vânia.

A reflexão traz à tona o quanto a sociedade ainda transfere a culpa da violência sofrida para as próprias vítimas, impondo-lhes um padrão de vestimenta e comportamento. “Estamos em um ambiente profissional, e cada uma de nós busca se vestir de forma adequada para o trabalho. No entanto, meu conceito de profissionalismo pode não ser o mesmo para outra pessoa. O problema é que, culturalmente, a responsabilidade é colocada sobre nós, como se fôssemos culpados pela violência cometida”, desabafou.

Reflexões sobre Violência Contra a Mulher e o

“Pacto Ninguém se Cala”



No encerramento do evento, a promotora de Justiça, Dra. Fabíola Sucasas Negrão Covas, trouxe às corretoras de imóveis um tema urgente e essencial: a luta contra a violência de gênero no Brasil. Em sua fala, ela abordou o “Pacto Ninguém se Cala na Violência Contra a Mulher” e reforçou o papel da sociedade e das instituições no combate a essa questão. Sua fala destaca não apenas a relevância desse pacto, mas também a importância do Ministério Público como fiscal da ordem jurídica e seu compromisso em aplicar efetivamente a Lei Maria da Penha.

“A violência de gênero não se restringe ao ambiente doméstico. É uma realidade presente em todos os lugares, incluindo espaços públicos”, afirmou a promotora.

E alertou também, para a necessidade de enxergar a violência contra a mulher como um problema complexo e estrutural, com raízes nas relações de poder e na cultura social. “Estamos

falando de uma violência que é sustentada por relações assimétricas de poder, que afeta a vida das mulheres, seja nos espaços de lazer ou no ambiente de trabalho.”

O Pacto Ninguém se Cala

O “Pacto Ninguém se Cala” foi concebido como um esforço coletivo para garantir a efetividade da legislação de proteção às mulheres. Segundo a Dra. Fabíola, o pacto visa conscientizar, prevenir e combater a violência contra a mulher em todas as suas formas. “O Ministério Público abraçou essa pauta como uma prioridade institucional, levando adiante o propósito de dar efetividade à Lei Maria da Penha. Precisamos falar sobre assédio, conscien-

tização e acolhimento.”

O Brasil ocupa a quinta posição no ranking de países que mais matam mulheres, sendo o primeiro em assassinatos de mulheres trans. Cerca de 527 mil pessoas sofrem violência sexual a cada ano, das quais 88,8% são mulheres e 50% têm aproximadamente 13 anos. Apenas 10% dos casos chegam ao sistema de segurança pública. Além disso, 86% das mulheres brasileiras já sofreram algum tipo de assédio.

Violência Sexual e Cultural

A palestrante destacou a cultura da “virilidade masculina” como um dos pilares da violência de gênero. “Quando falamos de violência sexual, não estamos falando de desejo, mas de poder. A violência sexual está ligada ao dinheiro,

ao status social, e a uma cultura que naturaliza a superioridade masculina, alimentada pela cumplicidade e pela chamada ‘broderagem’. Precisamos entender que isso não pode mais ser normalizado”, declarou.

Dra. Fabíola finalizou sua fala incentivando todos a refletirem sobre a naturalização da violência e o impacto dos estereótipos de gênero. “Esses estereótipos de inferiorização das mulheres são interessantes para um alto índice de vitimização. A violência de gênero é um problema enraizado em nossa sociedade, que deve ser combatido com conscientização, políticas

públicas e uma atuação comprometida de todas as esferas sociais.” Com sua fala inspirada, Dra. Fabíola reafirmou a importância de combater a violência contra a mulher em todos os níveis e espaços, defendendo o fortalecimento de iniciativas como o “Pacto Ninguém se Cala” e a consolidação de uma cultura de respeito e igualdade.





CRECISP

CONSELHO REGIONAL DE CORRETORES DE IMÓVEIS



PRESENCIAL



CRECISP

CONSELHO REGIONAL DE CORRETORES DE IMÓVEIS



ONLINE

O CRECISP ATENDE DE SEGUNDAS A SEXTAS-FEIRAS,
DAS 7H ÀS 19H, SÁBADOS DAS 9H ÀS 14H, ININTERRUPTAMENTE.

Atendimento Imediato

atendimento.crecisp.gov.br

Acesse, curta, siga nossas redes sociais



crecisp



crecispoficial



portalCRECISP



creciSP_Oficial



crecisp

Acompanhe e
compartilhe as
principais informações
sobre o setor imobiliário!

INÍCIO